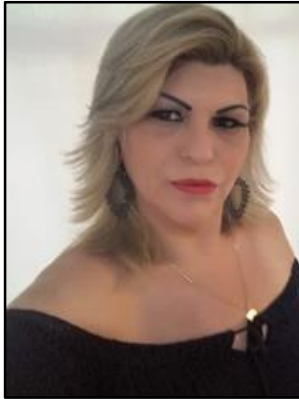




Conversa com ANTONELLA GESSI DE LIMA



Meu nome é Antonella Gessi de Lima e tenho 40 anos neste momento da conversa. Sou professora no município de Foz do Iguaçu, atuando na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental na Modalidade Especial Melvin Jones (APAE). Sou formada em Pedagogia pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC), pós graduada em Educação Especial com ênfase em Inclusão, Educação Infantil pela Faculdade São Luís.

Atualmente também sou mestranda do PPG Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, do ILAACH – UNILA.

E-mail: sabatelli@hotmail.com

A conversa foi realizada e textualizada pela professora da UNILA **Laura Janaina Dias Amato**.



Laura Janaina Dias Amato é professora da área de Letras e Linguística e atua na UNILA desde 2010. Docente no CCE, no PPG-IELA e no curso de LEPLE, pesquisa temas como: letramento crítico e ensino de línguas; currículo e transculturalidade; educação fronteiriça; práxis pós-estruturalistas, pós-colonial e decolonial, vinculado a noções de discurso e representações.

E-mail: laura.amato@unila.edu.br



Conversa com Antonella Gessi De Lima

Falar sobre minha história é um tanto complicado devido às situações as quais passei na infância, adolescência e vida adulta.

Nasci em uma família cristã, para ser mais específica, de família evangélica. Com uma mãe muito amorosa, porém rigorosa. Ao mesmo tempo em que eu a amava, tinha muito medo dela, em função de suas cobranças desde criança. Meu pai, por sua vez, em função do trabalho como motorista carreteiro, pouco estava em casa deixando toda a responsabilidade de criar e educar ao cargo de minha mãe.

Senhora guerreira, muito trabalhadora, atuava como cabeleireira, profissão essa que aprendeu devido às necessidades da vida, por ser de família muito pobre, sem recursos para estudar.

Recordo que na infância, devido a rotina de trabalho da mesma, sempre fiquei aos cuidados de babás ou vizinhos, aos quais ela pagava e em uma dessas casa eu fui violentada por um adolescente, que por sua vez me ameaçava e isso fazia com que eu ficasse calada por medo de algo acontecer. Minha mãe, por sua vez, percebeu que algo não estava certo e começou a me levar junto para seu ambiente de trabalho, assim ficando sob seus cuidados.

Ao iniciar o ciclo escolar surgiram problemas nas instituições escolares pelas quais passei devido a eu ser um menino muito delicado e afeminado. Minha mãe era constantemente chamada na escola para conversar com os diretores sobre meu comportamento, que para a época não condizia com o sexo ao qual eu nasci e com isso acarretava problemas familiares, e minha mãe fazia cobranças sobre meu comportamento.

Com isso ela me levou para tratamento psicológico com o intuito de mudar meu comportamento “afeminado” que na verdade era feminino. Claro que isso não aconteceu e a psicóloga advertiu a minha mãe que provavelmente eu seria homossexual na fase adulta. Mal sabia ela que eu já me reconhecia como mulher desde a infância.

Os problemas aumentaram na adolescência, pois era rejeitado por meus colegas de classe e sempre motivo de chacota para os demais alunos da escola, o que me



tornou um adolescente retraído e que por esse motivo busquei na igreja evangélica refúgio para tantas perseguições.

Triste ilusão, porque até na igreja ocorriam perseguições por parte dos fiéis e humilhações por parte dos outros jovens que frequentavam essa instituição religiosa.

Minha vida começou a mudar quando entrei na faculdade de história e nas aulas de antropologia o professor começou abordar temas que envolviam LGBTs e aquilo começou a martelar minha cabeça e me fez refletir que não estava me fazendo bem reprimir minha orientação sexual. Nesta época não existiam termos como trans, homossexuais, lésbicas, todos éramos tratados como viados e sapatão. Não terminei esta faculdade, pois não me identificava com a formação e tinha desejo de trabalhar com educação infantil, por esse motivo decidi migrar para o curso de pedagogia.

Recordo que neste período iniciei minha caminhada como educador em uma escola de Foz do Iguaçu, o que me proporcionou certa independência econômica, porém não emocional, mas que já não me intimidava tanto se meus pais descobrissem sobre minha orientação sexual. Certo dia, assistindo um programa de televisão em companhia de minha mãe, o programa abordava um tema que nunca vou esquecer: “Sou gay, o que fazer?”. Minha mãe, por sua vez, afirmou que isso era coisa do demônio que era uma vergonha e que todos estavam destinados ao inferno. Eu já deprimido e triste argumentei e pedi a ela que não falasse assim, pois não sabíamos o que essas pessoas passavam, suas angústias e tristezas.

Mamãe por sua vez desconfiou de algo e me perguntou:

- Você?

Eu vendo um momento de libertação para meu sofrimento respondi:

- Sim!

Então iniciou-se um verdadeiro martírio em minha vida. Minha mãe começou a chorar, falou para meu pai, porém eu me mantive firme em minha decisão. Ela se afastou de mim, apesar de morarmos na mesma casa. Inclusive, esta casa estava com contrato de aluguel em meu nome, pois a escola na qual lecionava ofereceu uma casa de aluguel para mim e como estávamos pagando mais caro em outro lugar, decidi alugar a casa e assumir a responsabilidade de custear o aluguel.

Até que meu pai vendo meu sofrimento entrou em meu quarto e disse que me amava e que não importava o que eu era sempre seria filho dele, porém mamãe não queria saber de mim.



Ela tinha esperança que Deus me mudaria e que eu voltaria para a igreja como no passado. Com o passar do tempo conheci meninos gays com quem iniciei uma amizade e que viam o que eu passava dentro de casa e sofriam junto comigo pelo fato de nossas histórias serem parecidas. Até que um deles resolveu ir embora para a Espanha e começou a levar todos do meu círculo de amizade. Então veio o convite de ir morar com eles na Europa para me ver livre da situação caótica a qual eu vivia aqui no Brasil.

Decidi ir embora, pedi as contas na escola em que trabalhava, juntei dinheiro, comprei passagem e fui pra Espanha, pois via ali minha carta de alforria, de me ver livre do inferno ao qual eu vivia e me tornar a mulher que sempre desejei ser. Ao chegar à Europa nunca mais me vesti como menino e dei início a minha transição, apoiada por meus amigos. Porém, que doce ilusão, achar que tudo seria fácil. Descobri que na Espanha também existe preconceito, não tanto como aqui, porém para uma travesti sem documentos, o que me restou como meio de subsistência foi a prostituição. Então iniciei essa caminhada pela sobrevivência para tornar meu sonho uma realidade e sustentar uma família que me rejeitou no Brasil, mas que eu amava e não podia deixar passar necessidades, tal como passamos anos atrás, com falta de comida.

Lutei, me casei com um espanhol e me transformei. Conquistei o que sempre desejei ser: uma mulher trans. Sim, pois é desta forma que me defino: como mulher transexual. Porém sempre faço menção e referência às travestis do passado que me inspiraram a me tornar a mulher que sou. Quando via uma travesti desejava a vida e a coragem que elas tinham de lutar e enfrentar uma sociedade para ser quem realmente somos.

Referenciar travestis da época da ditadura militar que tanto nos representaram e levaram a bandeira LGBTQIA+ é de extrema importância, pois foram elas as precursoras das nossas lutas e conquistas, sempre as travestis deram a cara a tapa, pois somos mais vulneráveis que os gays por tanta intervenção cirúrgica, e por sermos reconhecidas facilmente nas ruas como travestis. Somos nós que temos que nos acostumar a viver na escuridão, sobreviver da prostituição e da exploração de homens que desejam sexo com trans, sem estes que sejam reconhecidos.

Ao retornar ao Brasil, convencida por meu pai, retomei meus estudos e me formei em Pedagogia. Ao me formar, passei em concurso público como professora de Educação Infantil. Início outra luta por reconhecimento profissional e respeito, pois fui vítima de transfobia por parte de alguns funcionários da prefeitura de Foz do Iguaçu, o que me levou a procurar na justiça o direito e o respeito que não tinha deste



profissionais. Situação essa que muito me entristece, pois o reconhecimento que eu tanto esperei de meus colegas de profissão, pessoas supostamente “letradas”, eu não tive. Contudo, tive da comunidade escolar por onde passei: CMEIS e agora na APAE, pelos pais, pelos funcionários dos serviços gerais, cozinheiras e, claro, que por alguns professores, não vou negar, mas o mais importante foi o reconhecimento por meus queridos alunos, dos quais eu tanto desejei fazer parte na construção do conhecimento dessas crianças.

No ano de 2020 resolvi concorrer a uma vaga no mestrado PPG-IELA, do ILAACH (UNILA) como cotista para travestis e transexuais. Encaminhei a documentação necessária e pra minha surpresa meu projeto passou em primeiro lugar geral sem a necessidade da cota, isso me encheu de alegria e desejo de seguir em frente. Assim como os demais candidatos, passei por uma entrevista que faz parte do processo classificatório e mais uma vez me surpreendi que lá estava eu como a primeira colocada geral na classificação do mestrado, mostrando que uma ex-prostituta travesti também tem direito a estar onde ela deseja e conquistar caminhos que não seja prostituição como meio de sobrevivência. Nós, transexuais, também temos sonhos e desejos de uma vida normal, lembrando que a prostituição deve ser uma escolha e não uma obrigação.

O tema que abordei para passar na seletiva é “Evasão Escolar de Travestis e transexuais” tema esse que sempre vou defender em minha comunidade: nossa exclusão, nossa expulsão do meio escolar nos levando a marginalização e exploração sexual. Sei que meu trabalho poderá mudar muito a visão social a nosso respeito e de como queremos viver, de como desejamos interagir socialmente, sem estereótipos de drogadas, aidéticas e prostitutas.

Apenas queremos o que nos é de direito: o respeito e um local social que nos é tirado por preconceito de uma sociedade machista, mas que adora travesti às escondidas. Histórias essas que devem ser abordadas por todos, de uma forma geral e não apenas por nós LGBTQIA+, mas por todo cidadão de bem que deseja uma sociedade igualitária para todos.